

## Na África Oriental e Austral

### Discriminação prejudica vidas de milhões de raparigas

28 de Abril de 2016

- Revela novo relatório da Save the Children, que avança que milhões de raparigas mais pobres da região são forçadas a práticas e rituais prejudiciais, e negadas o acesso aos serviços básicos

Discriminação deliberada ou negligência está ameaçando o bem-estar de milhões de raparigas mais pobres da África Oriental e Austral, revela novo relatório da Save the Children.

Enquanto um progresso significativo tem sido feito nos últimos anos para combater a pobreza extrema e reduzir o fosso entre os géneros, “Até à Última criança” mostra que a discriminação persiste no Leste e países da África Austral. Adolescentes e as raparigas mais pobres, bem como as crianças que vivem em áreas remotas, estão entre alguns dos mais desproporcionalmente afectados pela discriminação.

“Embora nosso relatório revela como algumas das crianças mais pobres da região estão sendo deixadas para trás por causa de quem elas são ou onde vivem, isso não é uma imagem de um quadro completo - em parte porque muitos países estão a falhar deliberadamente em compilar dados sobre elas”, diz David Wright, Director Regional da Save the Children para a África Oriental e Austral.

“Não é um acidente que a discriminação está impedindo que algumas das crianças mais vulneráveis tenham acesso aos serviços vitais – estas crianças estão a ser sistematicamente deixada de fora por descuido ou negligência.”

Com mais de um terço (38 por cento) de raparigas na África Oriental e Austral casadas antes de 18 anos, a região tem uma das maiores taxas de casamento prematuros no mundo colocando a vida de milhões de raparigas em risco e negar -lhes oportunidades para aprender.

Na Tanzânia, 37 por cento das raparigas são casadas antes de 18 anos. Muitas escolas têm um teste de gravidez obrigatório e pode expulsar ou excluir raparigas em aprender se elas estiverem casadas, ou se envolver em relações sexuais antes do casamento ou se estiverem grávidas.

Na Somália, um dos piores lugares do mundo para as crianças viverem, 45 por cento das raparigas são casadas antes dos 18 anos, enquanto 98 por cento são submetidas a mutilação genital feminina ou corte, a taxa mais elevada a nível mundial. Estas práticas nocivas significam que muitas raparigas são incapazes de frequentar a escola - até 50 por cento no sul e centro da Somália.

Ser uma rapariga pobre em Moçambique e Sudão também significa suas chances de frequentar a escola seja muito menor em comparação com os rapazes mais pobres. Na verdade, apenas cinco por cento das raparigas mais pobres em Moçambique terminam a escola primária, em comparação com 21 por cento dos rapazes mais pobres. No Sudão, 37 por cento das raparigas mais pobres terminam a escola primária em comparação com 69 por cento dos rapazes mais pobres.

“As raparigas pobres nos seus primeiros anos de vida estão melhor hoje do que há uma década, diz Wright. “Mas quando elas se tornarem adolescentes, elas enfrentam discriminação desproporcional, o que pode significar a diferença entre a aprendizagem, ou não, o acesso a serviços de saúde, ou não, e até mesmo de sobreviver, ou não.”

“As práticas cruéis que muitas raparigas são submetidas no Leste e Sul da África deve acabar se quisermos fechar o fosso de desigualdade que ainda existe entre os géneros.”

O país onde uma criança nasce e comunidades do interior de tais países - também podem afectar significativamente os seus resultados de vida, que são destacadas no índice de exclusão e Desenvolvimento da Criança dentro do relatório “Até á ultima Criança”.

Crianças em áreas rurais e remotas favelas urbanas são muitas vezes privadas do acesso aos serviços básicos e de socorros, tais como cuidados de saúde, nutrição e educação, ao contrário de suas contrapartes urbanas mais ricas.

No Quênia, por exemplo, crianças nascidas em Nairobi tem maior taxa no índice de Desenvolvimento da Criança, que é 79, do que aquelas nascidas na região Nordeste, que só tem a taxa de 51. Isso significa que crianças nascidas em Nairobi têm uma chance maior de sobreviver do seu quinto aniversário, uma vez que são registadas ao nascer, evitando a fome e a desnutrição, e completando o ensino primário do que aquelas no nordeste.

As disparidades são ainda maiores quando se trata de registo de nascimento - que permite que as crianças possam aceder a serviços essenciais e frequentar a escolar. Enquanto 87 por cento das crianças em Nairobi têm certidões de nascimento e 93 por cento concluem o ensino primário, esses números caem para 48 por cento e 26 por cento, respectivamente, entre as crianças no Nordeste.

Desigualdades regionais na Zâmbia também são gritantes. Enquanto as crianças na região do Cinturão do Cobre tem a taxa em 60 no índice, os da região oriental a taxa é apenas de 43, e tem

50 por cento mais probabilidades de morrer antes dos cinco anos do que crianças da região do Cinturão do Cobre. Diferenças na conclusão do ensino primário também são marcantes entre as duas regiões. Enquanto 86 por cento das crianças da região do Cinturão do Cobre completam a escola primária, esse número cai para 52 por cento na região Leste. Para garantir que cada criança tenha uma oportunidade igual de sobreviver e beneficiar de acesso à saúde, educação e nutrição, independentemente de quem são ou onde vivem, a Save the Children está lançando a campanha de três anos – “Até à Última Criança”.

A campanha chama a atenção aos tomadores de decisão ao nível familiar, locais, nacionais e internacionais para garantir as barreiras que impedem as crianças mais pobres de aceder a serviços e de terem as vidas salvas, sejam eliminados.

“As atitudes públicas e governamentais, bem como certas leis e normas, devem mudar - e grupos excluídos devem ser capazes de participar das decisões que em última análise, afectam as suas vidas”, acrescenta Wright.

“Se não, as crianças mais marginalizadas não têm acesso aos serviços de que necessitam e merecem - e o mundo não atingirá as metas de desenvolvimento das Nações Unidas, que prometem” não deixar nenhuma criança para trás até 2030.

“ A Save the Children também pede aos líderes mundiais a se comprometer com três garantias básicas. Estes incluem financiamento justo para que os serviços essenciais sejam financiados de forma sustentável e grátis de ser utilizados por todos, igualdade de tratamento para todas as crianças, e que os tomadores de decisão sejam responsáveis.